

incomodando

silvio ferraz*

O que faz com que a gente comece a escrever uma música?

Quando é que se começa a escrever qualquer coisa?

O que faz com que a gente queira sair da cama de manhã?

Seria isso o incômodo?

Talvez.

Como entender incômodo? Prefiro talvez pensar em inquietação.

Algo me inquieta. Alguma coisa me tira da cama, alguma coisa me leva a não ficar parado, a me mexer, e logo. Mas e se essa alguma coisa for grande demais? Daí eu fico parado e não faço nada. Enrolo na cama o que posso. Deixo o dia passar entre os dedos e nem quero pensar nisso. Olho e olho pro papel de música e não escrevo nada.

* Compositor e professor no Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da PUC/SP.

Sento-me ao piano e começo a tocar qualquer coisa. Como se aquilo fosse aplacar essa inquietação, essa coisa que quer existir, mas fica pesada demais pra existir.

Fazer música é viver o tempo todo este incômodo. O que é esse incômodo, essa inquietação? Ela é a diferença, ela é o movimento, a condição de realizar potências, a condição da idéia. Essa inquietação é a linha de fuga que emerge em meio à ciranda diária de demarcar lugares, de deixar rastros e rastros expressivos de um território demarcado. A inquietação é uma das manifestações desse desenho constante, incessante, mas descontínuo, de ritmo irregular e insistentemente passageiro.

Ser afetado por uma inquietação é notar, é ver a tal da linha de fuga, da linha que traça o percurso centrífugo: deixar de ficar aqui parado e me sentar ao piano e começar a tocar algo e escrever uma linha ou outra, depois atender ao telefone e daí escrever uma carta pra alguém, ler um trabalho infernal, ler outro trabalho infernal e ir a uma reunião imaginária, terminar um projeto e daí escrever mais uma linha de música e tocar mais um pouco, enfiar a mão nos bolsos e dar um dinheiro à empregada pra comprar alguma coisa imensamente necessária para o almoço, acender uma lâmpada porque ficou escuro, apagar a lâmpada por que não é tão necessário assim e sair de casa pra tomar um café ou quem sabe dar uma volta no parque encontrar com alguém, ter mil idéias e compor muitas muitas músicas andando pelo parque querer voltar pra casa pra registrar tudo, voltar e tomar um banho, terminar o banho e dar um cochilo e daí lembrar que é hora de ir jantar, ou que é hora de ir dar aula, ou que é preciso sair? pra uma nova reunião infernal com algum estudioso sério das comunicações e ouvir no rádio do carro algum cantor fingindo que é moderno e manifestando suas vontades de ter dinheiro, vontade de ter sucesso, vontade de vender muitos discos e deixar o pai, a mãe, o ir-

mão satisfeito e poder convencer algumas meninas de que aquilo sim é que é música, aquilo sim é que é cantar e você ali desligando o rádio infernal do carro e parando porque finalmente chegou onde tinha que chegar e chegando lá ter mais e mais idéias de uma música que talvez seja escrita um dia sabe-se lá quando, mas é claro que será escrita quando você tiver tempo e vai ter tempo depois que ler todas as teses que tem que ler, depois de ler as dissertações e aprovar e desaprovar alunos em cerimoniais de qualificação e de defesa e em comissões de bolsistas e logo lembrar que tudo aquilo não pode ser feito porque tem um projeto importante a ser levado adiante. Essa é a linha de fuga, isso é o sair do centro e entrar a todo tempo em uma nova ciranda, em uma nova cantiga de roda, em um novo ritmo circular que crava um centro, que se vale de uns movimentos e de algumas coisas que estão ali por perto (jogar a mochila na poltrona da sala depois largar uma calça amarrotada na maçaneta do banheiro e sair por aí deixando marcas e marcas) tudo de modo a contracenar o centro, o giro e os outros centros e outros giros que nos levam a um novo centro, um novo giro.

Mas tem uma hora em que a gente pára. Tem um momento em que sentar ao piano não é só sentar-se ao piano e não rapidamente sair dali como se algo estivesse incomodando mais ainda. É ficar quase que imóvel, escolher umas notas, tamborilar um pouco, ouvir um som, rodar em volta dele, rodar um pouco mais e daí começar a desenhar alguma coisa. Uma nova brincadeira. Ao invés de correr de um lado para o outro é como se tudo se fechasse em um único plano: o piano, os dedos, a madeira do piano, o cheiro da poeira que assentou com os dias sem tocar, um pouco do barulho que vem de fora. Mas é só um pouco deste barulho e se o barulho aumenta vem uma força que faz com que a janela seja fechada, com que haja forças

para se levantar, ir até a varanda, dar uma olhada para fora, fechar a porta de correr e voltar para o piano. O movimento é outro. Não é mais de abrir é de fechar, é de viajar sem sair do lugar. Visto de longe parece que o barato é fazer um lugar, desenhar um cantinho. É assim que a criança parece fazer quando canta uma cantiga pra si mesma. Mas se para a criança aquilo era o suficiente para fazer um muro, para desenhar um entorno, não é sempre assim que as coisas acontecem. Eu desenho um muro, um muro feito de notas que soam ao piano, ou mesmo que soam em minha cabeça, ou que ressoam junto com a máquina de fazer bolhas do aquário, ou por que não um carro que passa na rua. Mas desenhado o muro a viagem pede para continuar. É toda uma potência que encontra lugar para acontecer. Acontecer logo antes que alguém tenha o poder de interromper tudo: um telefonema de alguém que pede dinheiro, o computador anunciando que mais um e-mail acaba de chegar, a porta... a campainha da porta, para alguns o interfone... pode ser que comece a soar em breve. O tempo é pouco se visto assim. O tempo é pouco e é preciso enfiar em meio disto um pouco de tempo puro, de um tempo sem medida, de um tempo sem espera, de um tempo sem expectativa, sem previsão de um fim. Um infinito, como um deserto que se desenha na superfície do pedaço de papel que olho de relance e me deixo levar, ou as dunas e altas montanhas do brim da calça redobrado. Preciso deste tempo puro, deste pouco de duração. Antes que alguém traga de volta o tempo cheio de estrias do relógio, o tempo cheio de marcações e marcações, e nomes, e estratégias, e vícios e caminhos já percorridos que se impõem para serem percorridos de novo. O muro pode jogar tudo pra fora, mas o muro não tem força suficiente para ficar de pé. Preciso fortalecer o muro. Volto para o piano. Volto a tocar as notas que desenhavam melodias circulares, fazendo pequenas marcas no espaço e eu ouço cada marca. Elas não são mais dedos no teclado, não são

mais relações tão simples. Elas são marcas, são marcas que de quando em quando se afastam e se tornam de uma força irreconhecível, eu até posso contar com elas e elas são tão grandes que nem sequer consigo saber do que se trata. São muito grandes. E nessa grandeza sinto-me fora de casa, me sinto com aquela vontade estranha de sair dali, de dormir, de deixar tudo viajar, mas de outro jeito. E nessas eu mesmo vou e pego no telefone, ligo para alguém depois abro todos os e-mails que ficaram suspensos e respondo tudo com pressa. Queria poder voltar para o piano, mas tem muita coisa me impedindo. Volto... se a força é grande eu volto. Volto e vejo tudo aquilo que está ali no papel. Aquilo é claro, que consegui anotar de tudo aquilo que se perdeu enquanto tocava meio desapercibido viajando nas linhas curvas que desenhavam a melodia. Não é mais um jogo de dedos, não é mais um jogo de sons. Eu então toco tudo de novo e fico ali esperando compreender tudo que fizeram antes. Um peso. Colocar um pouco de peso, dar uma pequena, mesmo que passageira consistência para tudo aquilo. Lembro dos pássaros e de como sua plumagem colorida pelas forças dos hormônios se torna uma qualidade específica daquele indivíduo pássaro, qualidade que o permitirá acasalar-se, que o permitirá espantar seus inimigos e garantir assim sua sobrevivência, mesmo que transitória. Nada disso que faço me pertence, assim como a cor não pertence ao pássaro, ela é uma placa, um cartaz que anuncia o pássaro. Mas não resisto, vou dormir.

Desenha-se um ritmo quando passo de um lugar a outro, quando saio do piano, me deito um pouco, volto ao piano, desenho uma melodia, reescrevo tudo no papel, apago tudo que escrevi, resolvo ler umas partituras de Beethoven, depois Chopin, depois Jobim, e assim vai até que retomo uma linha do que vinha escrevendo e desisto de tudo. Por hoje chega. Cheguei no ponto final, é a fadiga. Tudo isso é

um ritmo, a membrana de um movimento roçando na membrana do outro movimento, os dois pulsantes, os dois em movimentos constantes de sístole e diástole, vai e vem, irregular. O ritmo não é o ritmo do movimento em que estou, mas o ritmo entre os movimentos, o pulsar das membranas.

E se estou escrevendo sobre incômodo, e prefiro falar em inquietação. Falo do incômodo que todo mundo tem, e não do incômodo que a gente causa. Um fala de uma potência que se realiza o outro fala de um poder que se impõe. Mas não quero falar do poder que se impõe. O poder de interromper uma potência que se atualiza. O poder de impedir que algo venha a aparecer. Diferente da potência que é sempre voltada para frente, sempre voltada para o futuro. A potência de atualizar. Mas nada se atualiza sozinho. Não vem uma música sozinha, do nada. Ela pode vir de uma técnica, sobretudo de uma técnica que não tenho. Não tenho a técnica e umas notas soam em minha cabeça. A inquietação me parece vir a todo tempo. Estar inquieto e em movimento, estar o tempo todo sobre uma linha de fuga, saltando com cavalos no precipício, saltando com cavalos a fina camada que me segura em um lugar. As notas todas jogadas no papel, os sons todos circulando em minha cabeça, e de repente a sensação de que tudo está solto, de que todo aquele movimento está solto, que nada se segura por ali. Então noto um outro movimento, noto um ritmo que se desprendia das paredes dos movimentos contíguos. As notas todas confusas no papel, para que mesmo? Passo então à mesa, desenho alguma coisa que as ordene, vejo-me frente a uma longa fileira de verdades e estratégias históricas, e do outro lado uma fileira de experimentalismos que pedem por uma história. Como é que faço pra jogar tudo isto fora? Nem a história nem o modismo, nem a determinação do passado nem a do presente. Como ficar aberto no futuro? Mas tudo que está junto

se relaciona, queiramos ou não. Sempre há relação. Deixo tudo ali, marca da imperfeição, marca da falta de técnica, marca de um trabalho abandonado no meio e mil vezes retomado sem que a lógica da unidade ou da explicação viesse participar. Deixar tudo em aberto como em um rascunho de Rembrandt, como em uma carta mal redigida, como em um livro abandonado. É preciso organizar? Não. Simplesmente passo direto e faço daquela confusão o meu território, faço do amontoado de notas uma linha por onde passear e ser aprendida. E tanto o organizado quanto o disperso, de súbito, pedem que eu fuja dali. Tudo perde sua função, tudo se torna expressivo. E eu apenas reúno as forças, reúno as linhas, ponho umas ao lado das outras, faço com que elas se visitem, se conheçam, se toquem, troquem de idéias, e depois voltem ou não aos seus lugares.

Deleuze diz que a arte não espera o homem para começar. O que quer dizer isso? Ela começa sempre, ou ela simplesmente começa sem que saibamos onde, quando, por que, e no meio de quem. Seus ciclos não são os do homem. Não há acordar pela manhã, alimentar-se e voltar a dormir pela noite. Não é o mesmo ciclo. É outro, outro em que o homem não participa com os seus ciclos. O personagem deste ritmo não é um eu que vive, quase que um relógio solto, é o próprio movimento que é o personagem, é o próprio ritmo que é um personagem. E nesses ciclos, nesses começos e recomeços faço minha opção. Deixo a marca do tempo, consigo escrever apenas curtas anotações, pequenas cirandas, pequenas cantigas rodando rapidamente e por muito pouco tempo em torno de algum lugar. Uma assinatura? Não, não chega a ser nem assinatura. Deleuze fala de assinatura, fala de estilo e fala de dar uma consistência. Fujo até mesmo da consistência, tamanha a inquietação. É como se todo um monte de vidas, um monte de tempos, um monte de coisas estra-

nhas quisesse passar por mim naquele pequeno momento, naquela pequena dobra de tempo em que escolhi justamente pra me esconder. E até mesmo enquanto escrevo este texto fico pensando em quanta coisa deixei pelo meio do caminho, em quantas coisas foram largadas. Tudo sem consistência, tudo quase que sem nexos, tudo em uma escrita rápida e que não tem sequer estilo, não deixa sequer marcas, não serve nem como cartaz, nem como placa: aqui está uma escrita! Nem isso. Agindo rápido assim não dou tempo para que nenhuma coisa se associe ao que estou escrevendo em minha música, nem ao que estou tocando, nem ao que estou ouvindo, nem ao que estou tentando pensar e muitas vezes anotar na margem de uma partitura, num pedaço de papel velho, num monte de pequenos papeizinhos espalhados pela casa, espalhados pelo tempo. Você percebe que aqui não tem código nenhum, que nada quer dizer nada.

“Logo pela manhã ela chegou em casa tirou o casaco e jogou no sofá da sala, pegou da mochila e largou na cadeira da cozinha, olhou para suas coisas, foi até o banheiro e deixou marcas e marcas. Tudo sem nenhum propósito, ela só foi andando e marcando, andando e largando pequenas coisas, pequenos pertences. Não tardou muito a fazer com que os outros que ali estavam se enfezassem, reclamando da falta de espaço, da desorganização. Ela mesma se deu conta e passou a recolher tudo até que se viu fora dali. Já havia saído dali. Foi embora com todas suas coisas sem conseguir nunca mais largá-las onde quer que fosse. Significados! Significados! Largar era criar significados e isso não lhe fazia bem”.

Mas uma coisa é certa, quando toco eu crio uma distância, crio uma distância... tudo que possuo: distâncias. O brinquedo de girar das notas em torno de um eixo fez distância, de direção fez-se dimensão, abriu um espaço naquele vinco de tempo e de lugar, um vinco em meio ao

descontínuo que tem uma dimensão. Que dimensão é essa? Uma dimensão sem medida, um tempo sem medida; tempo puro, duração, espaço puro, dimensão. E isto é abrir um espaço para o que gostaria de sentir como diferença: não difere de nada, difere em si, é pura diferença, um dia quem sabe descubra-se do que difere, e daí em diante não será mais diferença, será a velha semelhança disfarçada em seu negativo. E neste jogo de achar a diferença vem uma idéia: quem é que junta tudo isso? Quem é que junta todas as partes aparentemente soltas? A diferença em si, a própria diferença que retorna enquanto condição de trazer mais e mais diferença. É o abrir-se do jogo para fora dele que faz com que exista uma consistência em tudo que estava sendo feito assim, como um movimento de largar os casacos por aí. Quem deu uma consistência ao movimento foi justamente aquele curto espaço de tempo, aquela pequena reentrância na qual um movimento puro e simples, movimento com a função de se livrar do peso das coisas que trazia, de livrar-se do peso da inquietação, de se livrar de um incômodo... foi nesse pequeno ponto sem medida que aquilo que não tinha forma, que não tinha permanência tornou-se expressivo, marcou um lugar, tornou-se um cartaz. E criou um outro tipo de distância. O que junta não é a unidade, não é o jogo de diferenciar algo de algo e dar permanência a um ciclo que já se fechou. Preciso da permanência do ciclo aberto. O que junta, consolida alguma coisa, um movimento, é um pedaço de lugar. Pedaço de lugar em que as coisas se ligam sem que precisem ter uma coerência, sem que precisem falar a mesma língua, significar uma coisa só. Sem que precisem ter uma função naquele conjunto. Fazer uma casa, espaços vazios, espaços cheios, coisas sobrepostas, articuladas umas às outras. Uma porta; um quadro; uma mesa; alguém que passa correndo; uma pequena imagem de santo; o barulho do gorgulhador do aquário; as pedras da calçada; a janela aberta e depois fechada, aberta e depois

só fechada pela metade; uma garrafa de água solta, largada na mesa. As coisas sobrepostas e intercaladas, intercaladas e criando intervalos: o tempo de ir da cozinha até a sala, o giro que é preciso se fazer em torno do sofá; a cor da parede que divide uma sala da outra.

RESUMO

Música narrativa em sua fugidia criação.

Palavras-chave: música, diferença, inquietação.

ABSTRACT

Narrative music in its scaping creation.

Keywords: music, difference, unrest.